

Peixoto, Ariane Luna & Silva, Inês Machline (Org.)
Saberes e usos de plantas: legados de atividades humanas no Rio de Janeiro (Rio de Janeiro: Editora PUC-RJ, 2011), 228 p.

Betânia Gonçalves Figueiredo

Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais
Av. Antonio Carlos 6627, Belo Horizonte, MG, 31270-901, Brasil
betaniagf@gmail.com

Recebido: 10 de setembro de 2013
Aprovado: 25 de setembro de 2013

Saberes e usos de plantas é um conjunto de seis textos bem conectados. É difícil encontrar uma coletânea que, por caminhos e estilos diferentes, aborde com a mesma eficiência o tema central. Mas Saberes e usos de plantas tem mais em comum do que uma boa conexão entre seus textos. Trata-se de um conjunto que expressa, com habilidade e diversidade, a temática das plantas para diversos fins, entre eles, fins medicinais. Escritos por profissionais de mais diversas formações como historiadores, biólogos, comunicadores sociais, engenheiros agrônomos, engenheiros florestais e geógrafos, os textos retratam um novo campo de saber que envolve diversas profissões no esforço para refletir e para compreender a diversidade das interações das atividades humanas com o meio ambiente.

O tema ganha, cada vez mais, centralidade no mundo contemporâneo. Como refletir sobre as múltiplas ações humanas e seus impactos no meio ambiente? Como lidar com os recursos ofertados pela natureza e as demandas, aparentemente ilimitadas da sociedade? Como desenvolvermos uma sociedade sustentável em termos ambientais e garantirmos assim a nossa sobrevivência? Nenhuma dessas perguntas é simples e, com certeza, exigem olhares multidisciplinares e integrados na produção de pesquisas e conhecimentos que possibilitem lidar com temáticas de tamanha importância e complexidade.

Saberes e usos de plantas tem como subtítulo “Legados de atividades humanas no Rio de Janeiro”. Por legados de atividades humanas entende-se a busca por referências históricas. Em que medida a análise do passado e da forma como os diferentes grupos sociais utilizavam-se e relacionavam-se com as plantas podem contribuir para os estudos da relação dos homens com o meio ambiente. Nesse esforço, os textos investigam desde a botica do Mosteiro de São Bento (RJ) no século XIX, passeiam pelo mercado de Madureira e da central de abastecimento conhecida como Ceasa no tempo presente, a ação dos mateiros nas matas e reservas florestais, buscam pela história das espécies exóticas e nativas manejadas na Mata Atlântica até o saber dos quilombolas da Fazenda Machadinha e o saber local sobre plantas de uso medicinal em uma escola pública em Guaratiba. Ao longo de todos os textos há sempre a preocupação em estabelecer parâmetros para as análises, como a apresentação de quadros das plantas em discussão (família/espécie, nome popular/local e uso) e, em alguns casos, a forma de preparo e as indicações de uso.

O conjunto de textos contou com pesquisadores em diversos níveis de formação: pesquisadores envolvidos nos seus projetos de doutorado e de mestrado assim como pesquisadores seniores desenvolvendo suas análises e, algumas vezes, tendo como parceiros na pesquisa seus respectivos orientandos. Essa variedade é importante pois indica o esforço para a formação de novos pesquisadores, variedade essa essencial para garantir a continuidade das pesquisas e o fortalecimento do campo de conhecimento. Além disso os estudos em questão abordam temáticas interdisciplinares como a diversidade vegetal, a etnobotânica, a história ambiental e os conhecimentos tradicionais que juntos podem se articular e apresentar soluções criativas para o conhecimento e utilização da plantas para fins medicinais. Tratam-se de textos produzidos na esfera acadêmica, mas que podem proporcionar diálogos profícuos com discussões relativas tanto às práticas como com as políticas de saúde popular.

Os artigos em questão demonstram como a população de diversas regiões do Rio de Janeiro, ao longo da sua história, constrói um conhecimento sobre as plantas nativas e as utiliza, tanto no passado como no presente, em situações bem específicas, como é o caso das plantas para usos

medicinais. Esse conhecimento muitas vezes foi desprezado diante da estruturação e da sistematização do saber acadêmico, especialmente a partir de fins do século XIX e primeiras décadas do século XX. Essa trajetória desprezou um saber tradicional e muitas vezes popular, que se organizou das formas as mais variadas, e garantiu modos de lidar com os problemas cotidianos da saúde. Hoje há uma série de mecanismos de pesquisa que podem e devem ser utilizados para avaliar os princípios ativos envolvidos nesses processos oriundos do conhecimento tradicional. O conjunto de textos presente em Saberes e Usos de Plantas investigam, com metodologias diferentes, mas rigorosas, caminhos de apropriação e transmissão desse condimento tradicional.

Dois movimentos recentes na história do Brasil, ambos datados de 2013, reacendem a discussão em torno do conhecimento tradicional e das práticas de saúde em especial a utilização de plantas para fins medicinais. Um primeiro movimento relaciona-se com a iniciativa da ANVISA de discutir ampliação dos registros de medicamentos fitoterápicos com permissão de comercialização no Brasil. Entre os tópicos envolvidos no debate está a proposta de valorização do reconhecimento do uso tradicional, como já ocorre em países da União Europeia desde 2011. O outro movimento refere-se ao debate em torno da vinda de médicos estrangeiros para regiões brasileiras distantes dos equipamentos e técnicas modernas da medicina.

Em ambos os casos é necessário realizar um esforço por parte das esferas acadêmicas e da gestão pública da saúde, com seus respectivos profissionais e agentes para compreender a lógica do conhecimento popular. Ou seja, faz-se necessário uma leitura antropológica que permita um diálogo efetivo entre os representantes do saber sistematizado nas acadêmicas e o conhecimento transmitido entre diversas gerações. Nessas situações, mas do que e equipamentos e testes comprobatórios, são exigidos uma leitura histórica e sociológica das formas de organização desses diversos saberes tradicionais.

Não se trata de exaltar o senso comum, mas perceber que algumas práticas tradicionais, absorvidas e transmitidas entre gerações, podem apontar para conhecimentos possíveis de serem

validados pela ciência médica e farmacêutica contemporânea. Ao longo dos seis capítulos do livro encontramos diversas experiências que corroboram essa ideia.

Estudos como esses auxiliam, em muitos casos, a reversão de patentes relativas aos princípios ativos de plantas originárias de países com uma rica biodiversidade, como é o caso do Brasil e da Índia, a denominada luta contra a biopirataria. Nesses casos, um dos fatores para reverter as patentes é demonstrar a utilização da planta, para fins medicinais, pela população local ao longo dos tempos. Ou seja, o mesmo critério que sugeri a ANVISA na validação de novos medicamentos fitoterápicos: o uso tradição.

A presença de viajantes ao longo de todo o processo de colonização do Brasil indicava não apenas a presença das plantas, mas o uso que delas faziam os autóctones. Não demorou muito e os novos habitantes dessas terras, em um mescla de europeus com africanos e indígenas, constroem e compartilham esses conhecimentos, acrescentando cada um seus pontos. Nesse processo observa-se a construção de uma “botica da natureza”, parafraseando Sérgio Buarque de Holanda, no capítulo de mesmo nome do livro Caminhos e Fronteiras.

Os estudos presentes no livro Saberes e usos de plantas indicam um caminho de aproximação com as formas de conhecimento de grupos sociais específicos, em diversas localidades e períodos. Buscam um caminho para investigar a botica da natureza, em contextos os mais diferentes, mas todos elucidativos das novas perspectivas da aproximação entre o saber acadêmico e o saber tradicional.